

# O UNIVERSO AO LADO

SIRE, James W. **O universo ao lado**. 4. ed. São Paulo: Hagnos, 2009, 380 p.

Iva Cristiane Leal de Aguiar<sup>1</sup>  
Charles Fabian da Costa Fernandes<sup>2</sup>

James W. Sire é autor de vários livros, incluindo *Hábitos da Mente*, *Scripture Twisting* e *Why Should Anyone Believe Anything at All?*. *O Universo ao Lado* foi publicado originalmente em língua inglesa, sob o título *The Universe Next Door*, em 2004. A obra está dividida em dez capítulos, nos quais o autor faz uma apresentação das bases que compõem o Teísmo Cristão, o Deísmo, o Naturalismo, o Niilismo, o Existencialismo, o Monismo Panteísta oriental, a Nova Era e, por fim, o Pós-modernismo.

No capítulo de abertura, sob o título “Toda a diferença do mundo”, o autor faz uma introdução geral às cosmovisões que serão apresentadas no decorrer da obra. O autor defende que seria possível afirmar que cada pessoa possui um modo diferente de enxergar a vida e o universo. Nesse sentido, seria inviável a tentativa de precisar quantas cosmovisões coexistem; no entanto, uma vez que pessoas que compartilham interesses em comum tendem a compartilhar o mesmo modo de conceber o universo, é possível sistematizar um grupo de crenças e representá-la sob um nome: teísmo, deísmo, etc. Cada um desses grupos de crenças é o que chamamos de cosmovisão, que, segundo afirma o autor, nada mais é do que uma proposição, a tentativa de explicar a ordem das coisas, de responder perguntas primordiais: “o que é o ser humano?”; “o que acontece a uma

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Pedagogia pela Faculdade Adventista da Bahia. Email: ivacris.leal@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-graduado em Missiologia. Professor de Teologia Aplicada no SALT-IAENE – Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. Email: Charles\_fabian@hotmail.com

“pessoa quando ela morre?”; como sabemos o que é certo ou errado?”; “qual o significado da história humana?”.

No capítulo em que tratará a respeito do Teísmo Cristão, a obra mostra que esta cosmovisão busca responder às perguntas primordiais, afirmando que o Universo está permeado da grandeza de Deus, que é o ser-total e o fim-total da existência. Assim, o Teísmo Cristão crê que Deus é infinito, pessoal (trino), transcendente e imanente, onisciente, soberano e bom. Deus criou o cosmos *ex-nihilo* para operar com uma uniformidade de causa e efeito, em um sistema aberto. Portanto, os seres humanos foram criados por Deus, à sua imagem e semelhança, com personalidade, inteligência, moralidade e criatividade. Estas faculdades permitem que os seres humanos conheçam a si próprios e o próprio Deus, sob a crença de que foram criados bons, no entanto, devido à queda, a imagem foi desfigurada, mas não de um modo que não pudesse ser restaurada através da obra de Cristo. De acordo com esta visão, a história é linear, levando ao cumprimento dos propósitos de Deus para a humanidade.

Em seguida, o autor apresenta os fundamentos do Deísmo, o qual concebe a ideia de um Deus transcendente, mas não imanente, não pessoal. Ele é a primeira causa. Criou o universo como uma uniformidade de causa e efeito, porém o deixou funcionar por conta própria, em um sistema fechado, diferentemente do Teísmo. O cosmos é compreendido como estando em seu estado normal, não decaído; e pelo fato de o universo ser normal, é ele quem revela o que é certo. Nesse sentido, não há distinção entre o bem e o mal. A ética desaparece. A história também é linear, pois o curso do cosmo foi determinado na criação.

O Deísmo abriu espaço para o surgimento de uma nova cosmovisão chamada Naturalismo, a qual defende que a matéria existe eternamente e é tudo o que há. Para o Naturalismo, Deus não existe. Os seres humanos são vistos como “máquinas” complexas. A morte é a extinção da personalidade e da individualidade. A história é linear, porém sem uma

proposta abrangente, não há uma primeira causa, Deus ou algo diferente. Mais forte, em relação ao Deísmo, o naturalismo apresenta um grande poder de permanência.

O Niilismo, por sua vez, é apresentado não como uma filosofia, mas como a negação dela, ou a negação de todas as coisas. O autor mostra que a primeira e mais básica razão para o Niilismo pode ser encontrada nas implicações diretas e lógicas das proposições primárias do Naturalismo. Porém, os fios do Niilismo formam uma corda longa e forte o suficiente para envolver toda uma cultura. O nome dessa corda é perda de significado. Nada possui significado.

Quanto ao Existencialismo, sob o viés da obra, a essência de seu objetivo mais importante pode ser resumida em uma frase: transcender o Niilismo. O autor analisa que o Existencialismo assume duas formas básicas – o Existencialismo Ateísta, cujas concepções derivam do Naturalismo e o Existencialismo Teísta, cujas concepções derivam do Teísmo –, o que demonstra que o Existencialismo não é uma cosmovisão totalmente amadurecida.

Nos dois capítulos seguintes, o autor conduz a discussão para o curso do pensamento ocidental. Ele afirma que chegamos a um impasse. O Ocidente acaba em um labirinto de contradições em face de tanta efervescência de ideias. Surge uma questão: existe um caminho melhor? A mudança ao pensamento oriental desde os anos sessenta é uma fuga do pensamento ocidental. Por cerca de um século, o pensamento oriental vem fluindo para o ocidente. O conhecimento oriental passa a ser de fácil obtenção: mais e mais, sua visão de realidade torna-se uma opção de vida no Ocidente.

O livro apresenta o Monismo Panteísta como a cosmovisão de origem oriental mais popular no ocidente. Segundo esta visão, a alma de cada um e de todo ser humano é a alma do cosmo. Não existem caminhos certos e caminhos errados, o que existe é uma direção certa

em cada caminho. O cosmo é perfeito em todo momento. A morte é o fim da existência pessoal, individual, mas não altera nada de essencial na natureza do indivíduo. O tempo é irreal e a história é cíclica. No entanto, embora proponha uma saída para as pessoas ocidentais aprisionadas no dilema niilista do Naturalismo, o misticismo do oriente, assegura o autor, é estrangeiro. Há um caminho menos doloroso e custoso para se alcançar propósito e significado: uma nova consciência dentro de linhas mais ocidentais, a Nova Era. Esta é uma cosmovisão altamente sincrética e eclética, que toma emprestado de todas as principais cosmovisões.

Por fim, o autor reflete sobre as bases do pós-modernismo, observando que esta é uma perspectiva tão penetrante que tem influenciado inúmeras cosmovisões, mais notadamente o Naturalismo. Na verdade, a melhor forma de pensar sobre grande parte do pós-modernismo é vê-lo como a fase mais recente do “moderno”, e, ao mesmo tempo, a forma mais recente do Naturalismo. Não obstante, levanta-se uma questão: se o pós-modernismo não nos levou além do Naturalismo, mas, ao invés disso, enredou-nos em uma teia de incerteza completa, por que deveríamos pensar que ele nos descreve realmente como somos?

O autor conclui a obra retornando à ideia inicial: uma ponderação do quanto é subjetivo tentar estabelecer um número de visões sobre as origens, sobre quem nós somos, sobre para onde vamos, uma vez que a maneira como o universo é percebido muda, na medida em que mudam os grupos sociais, a época, a etnia, as pessoas. Nesse sentido, não é possível exagerar o significado do dito popular: “cada cabeça, um mundo”.

A obra já vendeu mais de 250 mil cópias, o que demonstra sua aceitabilidade. De fato, *O universo ao lado* é considerada nos círculos cristãos como a principal obra sobre cosmovisões, em face de uma linguagem simples, acessível e uma estruturação interna, bem topicalizada, que facilita muito a compreensão, sem prescindir da riqueza de informações. Leitura indicada para professores e alunos de Ciência

e Religião, Cosmologias, Filosofia, etc., bem como para todo estudante, todo docente, todo cristão que tenha consciência de que vive num ambiente acadêmico e num mundo cada vez mais pluralistas, o que torna urgente a capacidade de compreender e avaliar as várias cosmologias.